

A ILHA BRASILEIRA NA CARTOGRAFIA DOS SÉCULOS XVI E XVII

Cláudio Luiz Zanotelli

As potências colonizadoras comandadas por reis e monarcas pretendiam apossar-se das populações, das terras e dos produtos das regiões extra-européias. Para tanto, a diplomacia, a elaboração de tratados e as “descobertas” não eram os únicos expedientes utilizados. *A cartografia serviu, e muito, para consolidar possessões, conquistar terras e povos e legitimar o poder arbitrário dos colonos sobre o “Novo Mundo”.*

É sobre esse aspecto do “achamento” e da construção do Brasil que gostaríamos de chamar a atenção. A Cartografia é um instrumento de base para a Geografia, e esta disciplina alcançou, sem dúvida, um progresso importante depois do Renascimento, por causa de sua importância estratégica para os poderes constituídos. Aliás, os navegadores, os viajantes, os enviados pelas coroas européias ao “Novo Mundo”, *através de seus relatos e mapas fantasiosos ou não, são geógrafos! Geógrafos, às vezes, do fantástico!*

O mito da *Ilha Brasil*, como vimos, data de antes do achamento do Brasil. Esse mito, juntamente com outros relatos fantásticos sobre o paraíso que seria o Brasil, contribuiu para a consolidação geopolítica do território brasileiro.

O Estado lusitano operou pela instrumentalização de um mito geográfico: a Ilha-Brasil, dando a entender, segundo os documentos cartográficos, que existiria um lago no centro do território brasileiro por onde estariam em comunicação os rios da Bacia do Amazonas e da Bacia do Prata.

Segundo a interpretação do historiador e diplomata Jaime Cortesão (1965), a cartografia portuguesa sobre o Brasil refletiu a lenda de uma entidade territorial isolada, envolvida pelas águas de dois grandes rios, cujas fontes se situavam em um lago unificador.

O *Brasil-Ilha* na cartografia e nas bandeiras dos séculos XVI e XVII era, de um lado, uma adaptação das visões *lusitanas idílicas* (a busca do *paráiso*, de uma terra onde todos seriam felizes e onde haveria abundância) *da Idade Média* aos interesses expansionistas lusitanos desse mito. De outro lado, era também uma operação *geopolítica e simbólica* levada a cabo pelo expansionismo colonial português, inscrita na natureza: uma ilha envolta pelos rios Amazonas e Prata, com um lago comum no centro do território. Essa Geopolítica servia-se, também, das imprecisões cartográficas da época para se legitimar. Isso permitiria uma consolidação do território do Brasil, mesmo se ele fosse além dos limites do famoso *Tratado de Tordesilhas* (que era o caso da cartografia da época), pois os limites de uma ilha são inquestionáveis; ninguém pode, segundo essa visão, colocar em dúvida que uma Ilha tem uma unidade própria, pelo fato de ela ser cercada de água de todos os lados.

Sobre essa *ilha-mítica e obedecendo a interesses de conquista*, inseriam-se as culturas indígenas, principalmente o *Tupi (a Língua Geral)*, que ajudou a delimitar os territórios do Brasil, sendo assim um laço unificante do Estado colonial.

Os mapas, nesse contexto, constituem mais que representações do que se vê; eles são, até certo ponto, reflexos do que se quer ver. O Geógrafo alemão Alexander Von Humboldt já dizia que as cartas geográficas exprimem opiniões e conhecimentos mais ou menos limitados de quem as projetou. A formação do mito do Brasil como uma Ilha favoreceu as disputas pela conquista do território nos séculos XVI e XVII.

O *mapa-múndi* de Bartolomeu Velho (1561) representa um lago unificador onde nascem o Rio Paraná, o Rio São Francisco e um outro rio que desemboca na foz do Amazonas. O lago é denominado *Alagoado Eupaná* (ver mapa). O *Meridiano de Tordesilhas*, no mapa, delimita a *Ilha Brasil*, onde se encontravam escudos portugueses com que se tentava assegurar a posse dessas terras. Assim, por essas representações, o Meridiano de Tordesilhas passava mais a Oeste (a ocidente, onde se põe o sol). A estratégia embutida aí é a de consolidar a posse da “Ilha”, da foz do rio Amazonas à do Prata, tentando colocá-la dentro do domínio reservado aos portugueses pelo *Tratado de Tordesilhas*. De fato, o Meridiano de Tordesilhas passava a Leste, onde nasce o sol, das fozes do Amazonas e do Rio da Prata.



Figura 1. Fonte: Mapas históricos brasileiros. Prancha 16. São Paulo: Abril Cultural, 1969, Fac-símile, Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro. Reproduzido por MAGNOLI (1997, p. 298).

Podemos também ver a Ilha-Brasil em outros mapas, particularmente no mapa-múndi português de Lopo Homem-Reineis, de 1519.

Figura 2. Mapa de Lopo Homem-Reineis (1519) . Fonte: Mapa-múndi português, c. 1519 - Carta de Lopo Homem Reineis in Portugaliae Monumenta Cartográfica, vol. 1 Atlas Miller, Paris, Biblioteca Nacional. In a Descoberta do Homem e do Mundo, Org. Adauto Novaes. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.



Outros mapas que reafirmam a interpretação do Brasil como uma Ilha são os da América do Sul, feitos por Diogo Homem, de 1558, bem como o de João Teixeira Albernás, de 1640.

Nessa época (séculos XVI e XVII), faziam-se muitos mapas das terras Brasis, todos inspirados na noção de *Ilha Brasil* e de um lago no centro do continente: *um lago dourado (os Lagos Parima e Eupana) onde, esperava-se, existiam muitos metais e pedras preciosas: velho mito do El Dourado perseguido por viajantes e aventureiros de toda espécie, notadamente pelos nossos bandeirantes.*

As observações dos jesuítas na primeira metade do século XVIII acrescentam informações preciosas sobre a América do Sul, eliminando inúmeras lendas, entre elas os mitos da representação do Brasil como uma ilha e a existência de um lago no centro da América Equatorial (o Lago Parima ou Eupaná). A presença do lago mítico desaparece, assim, dos levantamentos dos padres jesuítas (Cf. *A Amazônia na França*, 1989).

As representações do Brasil como uma ilha, além de obedecerem aos desejos estratégicos portugueses e estarem submetidas a visões fantasiosas, reafirmavam o princípio de uma só terra e um só país, lançando as bases das fronteiras naturais, aquelas que são inquestionáveis porque estão nas aparências das coisas. No nosso caso, são as bacias dos rios e o famoso lago. Esse estabelecimento material dos limites do Brasil, associado a um País de bonança, de aventura, e aberto a toda exploração, determinou, em parte, a imagem do Brasil e suas representações de país arquipélago, pela própria forma dos enclaves de exploração coloniais instalados na costa.

BIBLIOGRAFIA

CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1965.

MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 298.

NOVAES, Adauto. (Org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.